

HOJE É DIA DE FEIRA

Para o livro

Ziraldo e os cartazes da Feira da Providência

Eu vim ao mundo no mesmo ano da Feira da Providência. Nasci e passei o início de minha infância em São Paulo e, aos 9 anos, me mudei com minha família para o Rio. Era 1971, o meu primeiro ano no Rio e minha primeira Feira da Providência. Só conhecia a Feira pelo nome e pela fama, quando vinha ao Rio no verão. Aqui moravam primos e tios queridos. Jogávamos bola na rua em uma Ipanema que ainda tinha calçadas livres e pouco trânsito.

A Feira era uma festa às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, na Borges de Medeiros, acompanhando toda a extensão do muro do Jockey Clube. Mas esse GPS eu só fui ter depois, quando fui adquirindo a carioca. A imensa Lagoa se transformava numa quermesse de praça do interior em pleno coração – vista de cima, a Lagoa tem a forma de coração, sabia? – da Zona Sul do Rio. Sem coreto, mas com um Cristo que, mesmo de lado, recebia os visitantes de braços abertos nas lindas tardes de setembro que só o Rio tem.

Nem me lembro a quantas feiras fui. Na verdade, todas elas se misturam na memória. Tinha de tudo na Feira e todos iam à Feira. Lembro das barracas representando países do mundo todo, com bandeiras, fotos, roupas e comidas típicas. Os cheiros e as cores se misturando ao burburinho. A cada ano, viajava pelo mundo das barraquinhas de comidas típicas do mundo. E como a Lagoa era o quintal de meus amigos e primos, fomos conquistando a liberdade de irmos sozinhos, a pé, marcando um ponto de encontro na barraca da Alemanha ou em frente ao Tivoli Park. Sim, desde 1973 tinha um parque de diversões imenso no meio da Feira. As crianças hoje não conseguem imaginar a alegria de uma festa a céu aberto – e que céu! – tendo um parque de diversões no meio, com roda-gigante e montanha-russa. Os adultos iam à Feira pra comprar produtos importados, eu ia pra me esbaldar.

Cresci junto com a Feira. Na última que teve na Lagoa, eu já era um adolescente de 16 anos e me lembro de uma barraca-lanchonete lotada de gente sem querer ir embora e não deixando a festa acabar. Todos lamentando a mudança da Feira que crescia junto com a cidade, rumo à Zona Oeste. Nunca mais fui à Feira a pé. Mas não parei de ir.

Na Lagoa, as feiras geralmente aconteciam em agosto ou setembro. No Riocentro, a data mudou pra novembro e dezembro, mas ela começava, de fato, alguns meses antes nos postes, muros e ônibus da cidade. Começava com os cartazes do Ziraldo. Ao passar distraído, olhando pela janela cotidiana do ônibus, era surpreendido todos os anos por um bocão: Epa! A Feira! Durante anos, esse sempre foi um momento de estalo, de ligar pros amigos, de avisar em casa, de marcar um dia na agenda.

Tempos depois, comecei a estudar design, a fazer cartazes, a compreender e admirar a força dos cartazes do Ziraldo e reconhecer o ineditismo e o desafio de fazer, a cada ano, um novo cartaz que, mesmo diferente, se assemelhasse a todos os seus antecessores. Um sistema de cartazes que contam a história da Feira, do Rio e de seu criador. Uma marca sofisticadamente simples que, carregada de empatia, conquistou a simpatia de todos os cariocas com uma linguagem direta, legível e reconhecível de longe. Estandartes nas laterais de ruas e avenidas como em um carnaval fora de época.

E cada carioca traz alguns deles no coração, lembrando uma efeméride, uma data importante, um ano memorável. O início de um namoro, a formatura, um beijo no finzinho da feira, a primeira calça *Lee*, o globo terrestre que mora na estante do quarto até hoje. E muita gente tem algum desses cartazes na parede do quarto ou fazendo figuração no cenário de alguma foto, de alguma cena de seu filme particular.

Em um certo momento, a providência divina me fez conhecer pessoalmente Ziraldo e – falei que foi a providência divina – fazer parte da sua família. Ele me chamou certa vez de “afichista”, o que seria algo como “cartazista”. Vocês não imaginam como, assim como ele diria, fiquei besta com esse elogio pra lá de exagerado, vindo de alguém que para mim é “O” cara. Durante todo esse tempo, tenho tido o prazer de conhecer sua obra e sua alma de perto, a oportunidade de escrever sobre ele e participar da preservação e divulgação de tudo que ele representa para o Brasil. Um exemplo que merece ser cada vez mais reverenciado.

A Feira era o paraíso de colecionadores. Colecionadores de selos, de mapas, de rótulos de garrafas, de memórias, de sonhos. E também de colecionadores de cartazes. Este livro é uma homenagem a todos esses colecionadores e ao maior deles: Ziraldo. Um cara que coleciona amigos e que sempre se mostra disposto a tomar alguma providência quando algum deles precisa de ajuda. Ziraldo abraçou a ideia da Feira desde o início e seus cartazes abraçam a cidade a cada nova feira, provando aos cariocas – verdadeiros ou falsos como eu – a importância que tem um abraço. Fiquem com o meu.